



RTEP REVISTA ISSN: 2316-1493
TURISMO
ESTUDOS & PRÁTICAS

Artigo/Article

CIRANDA DE ENCONTROS: ROTEIROS TURÍSTICOS, TROCA DE EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NA PARAÍBA

CIRANDA DE ENCONTROS: TOURISM ROUTES, EXCHANGE OF EXPERIENCES AND PRACTICES OF COMMUNITY-BASED TOURISM IN PARAÍBA

Rosalma Diniz Araújo¹
Fabiane Nagabe²

RESUMO: De acordo com as metas nacionais dos Objetivos do Turismo Sustentável (ODS) devem-se, até 2030, ser concebidas e implementadas políticas para promover o turismo sustentável e responsável, acessível a todos, e que gere emprego e trabalho digno, melhore a distribuição de renda e promova a cultura e os produtos locais. O Turismo de Base Comunitária (TBC) se encaixa em tais premissas pois, em seu exercício, as comunidades tradicionais abrem suas portas à visita para contar a sua história e do seu território, com o protagonismo sobre a organização, condução e termos da visita, em que a renda gerada no TBC reverte para a própria comunidade, para o seu sustento e desenvolvimento. O projeto de extensão do Curso de Turismo da UFPB, intitulado “Ciranda de Encontros: roteiros turísticos, troca de experiências e práticas no TBC”, objetiva promover o encontro entre comunidades tradicionais e lideranças de TBC da Paraíba para troca de experiências e práticas, estimulando o diálogo, a cooperação e o trabalho sinérgico, aliando saber popular, organização social e conhecimento. Cada comunidade, e a forma como desenvolve seu turismo comunitário, fornece à outra elementos para reflexão e intercâmbio de práticas para que estas possam ser compartilhadas com visitantes, de modo a suprir as necessidades de autossustentação econômica e de torná-las visíveis aos olhos da população e do poder público diante de suas carências e potencialidades. O projeto “Ciranda” atua na promoção do encontro entre lideranças de comunidades que trabalham o TBC, para o

¹ Professora de Turismo da UFPB. Doutora em Turismo pela UFRN. ORCID: 0000-0003-3343-0798. E-mail: rosa_almadiniz@yahoo.com.br.

² Professora de Turismo e Hotelaria da UFPB. Doutora em Geografia pela UECE. ORCID: 0009-0001-6652-6959. E-mail: fnagabe@gmail.com.



fomento da inclusão social, melhor distribuição de renda, autossustentação e autogestão das comunidades, agregando aprendizado e promoção de valores como simplicidade e altruísmo aos que praticam esta modalidade. Sendo assim, o objetivo do presente artigo é apresentar os resultados dos encontros promovidos pelo “Ciranda” em seu primeiro ano e o que foi alcançado em termos das metas propostas. **Palavras-chave:** Turismo; TBC; Desenvolvimento Local; Inclusão Social; Paraíba; ODS.

ABSTRACT: According to the national goals of the Sustainable Tourism Objectives (SDGs), by 2030, “policies to promote sustainable and responsible tourism, accessible to all, and that generate employment and decent work, improve distribution income and promote culture and local products”. Community-Based Tourism (TBC) fits perfectly into these premises because, in its exercise, traditional communities open their doors to visitors to tell their story and that of their territory, in a format in which they have a leading role in the organization. , conduct and terms of the visit, and where the income generated in the TBC goes back to the community itself, for its sustenance and development. The extension project of the UFPB Tourism Course, entitled “Ciranda de Encontros: tourist itineraries, exchange of experiences and practices in TBC”, aims to promote meetings between traditional communities and TBC leaders in Paraíba to exchange experiences and practices, stimulating dialogue, cooperation and synergistic work, combining popular knowledge, social organization and knowledge. Each community, and the way it develops its community tourism, provides the other with elements for reflection and exchange of practices so that they can be shared with visitors, in order to meet the needs of economic self-sustainability and make them visible to the eyes of the population. and public power in view of its needs and potential. The project in question will work to promote meetings between communities that work with TBC, to promote social inclusion, better income distribution, self-sustainability and self-management of communities, adding learning, promoting values such as simplicity and altruism to those who practice this modality. Therefore, the objective of this article is to present the results of the meetings promoted by the “Ciranda” Project in its first year and what was achieved in terms of the proposed goals. **Keywords:** Tourism; TBC; Local Development; Social Inclusion; Paraíba; SDGs.

INTRODUÇÃO

O turismo é a maior atividade de deslocamento voluntário mundial. É um direito do cidadão, expresso na Declaração Universal dos Direitos Humanos e reconhecido pelo Código de Ética Mundial do Turismo aprovado pela OMT em 1999, ao passo que também se configura enquanto atividade produtiva, que “inserida na dinâmica da acumulação capitalista que responde às crises do capital mundial e local”, também “se coloca como alternativa para a promoção da educação, emprego e renda em espaços geográficos” (Nagabe, 2020, p. 296). Portanto, o turismo também representa uma possibilidade de inclusão, tanto quando falamos do direito ao lazer e ao ócio, como oportunidades de trabalho e renda para a população urbanas e rurais.

De acordo com as metas nacionais dos Objetivos do Turismo Sustentável (ODS), no item 8.9, deve-se, até 2030, ser concebidas e implementadas “políticas para promover o turismo sustentável e responsável, acessível a todos; e que gere emprego e trabalho digno, melhore a distribuição de renda e promova a cultura e os produtos locais”. E, “além da geração de empregos, foram acrescentadas à meta as questões relativas às condições de trabalho dos empregos gerados, a distribuição de renda, a acessibilidade e a responsabilidade, por estarem inseridas nas ações do Ministério do Turismo” (Brasil, 2024).



O Turismo de Base Comunitária (TBC) se encaixa em todos os preceitos da ODS 8 da ONU, que versa sobre “Trabalho decente e crescimento econômico”, objetivando a promoção do crescimento econômico, inclusivo e sustentável, com emprego pleno e produtivo, e trabalho decente para todos. A prática do TBC também dialoga de forma considerável com outras ODS, a saber:

✓ ODS 1 – Erradicação da pobreza: uma vez que o TBC promove a geração de renda para comunidades quase sempre em situação econômica de vulnerabilidade, por se tratar de comunidades periféricas e carentes de muitas necessidades básicas no que se refere à qualidade de vida;

✓ ODS 5 – Igualdade de gênero: o relato de experiências de TBC no Brasil demonstra o protagonismo feminino nas posições de liderança, o que transforma a vida das mulheres, as empoderam e serve de exemplo e motivação para futuras gerações;

✓ ODS 10 – Redução das desigualdades: uma vez que o TBC promove a geração de emprego e renda às populações tradicionais periféricas, distribuindo a riqueza gerada pelo turismo;

✓ ODS 11 – Cidades e comunidades sustentáveis: sobretudo no que se refere à “capacidade para o planejamento e a gestão participativa, integrada e sustentável dos assentamentos humanos”, uma vez que o TBC se sustenta na cooperação, distribuição e investimento na melhoria da comunidade pela comunidade, sob os princípios da economia solidária (Brasil, 2024).

Nessa temática, em um projeto nacional de qualificação para o turismo³, as professoras autoras do artigo em tela, trabalharam como coordenadoras em ações de qualificação profissional que culminaram em curso de formação com jovens de comunidades tradicionais da Paraíba, a saber: Quilombo Mituaçu (Conde-PB), comunidade rural do Vale do Gramame (João Pessoa-PB), Aldeia indígena Tabajara (Conde-PB), Quilombo Caiana dos Crioulos (Alagoa Grande-PB), comunidade de pescadores de Cabedelo (Cabedelo-PB), e comunidade rural de Chã de Jardim (Areia-PB). Observa-se desde então, que há maturidades distintas na forma das comunidades tradicionais e rurais relacionarem-se com o turismo enquanto fonte de renda, trabalho e valorização das identidades culturais local. A gestão comunitária de uma atividade econômica eminentemente capitalista como o turismo, desencadeia metodologias e formas de gestão do turismo, e atividades associadas. Consequentemente, novas tecnologias sociais⁴ surgem, mediando necessidades endógenas, oportunidade de trabalho e renda promovido pelo turismo, formas de cooperação com participação coletiva de organização, desenvolvimento e implementação de projetos turísticos locais.

³ Vale salientar as experiências anteriores das coordenadoras do Projeto “Ciranda” em TBC. A Profa. Fabiane Nagabe, em 2019, defendeu a tese intitulada: “O turismo convencional e as políticas contra-hegemônicas em comunidades de espaços rurais da Paraíba”, que investigou a relação entre o turismo convencional e o alternativo. E a Profa. Rosalma Diniz Araújo, trabalhou com festas e desenvolvimento local em sua tese defendida no PPGTUR-UFRN (2019), e em 2020, desenvolveu e coordenou, junto à Professora Fabiane Nagabe e ao Prof. André Gustavo (IFCE-Acaraú), as ações do Plano Nacional de Qualificação no Turismo (PNQT) na Paraíba, em ação conjunta com a Universidade de Brasília (UNB), o Ministério do Turismo (MTUR) e UFPB.

⁴ O conceito de tecnologia social empregado no projeto remete a proposta inovadora de desenvolvimento, considerando uma abordagem construtivista na participação coletiva do processo de organização, desenvolvimento e implementação, aliando saber popular, organização social e conhecimento técnico-científico, utilizando um conjunto de técnicas, metodologias transformadoras, desenvolvidas e/ou aplicadas na interação com a população e apropriadas por ela, que representam soluções para inclusão social e melhoria das condições de vida.



As comunidades de TBC pesquisadas anteriormente demonstram temporalidades e especificidades do qual decorrem diferentes níveis de maturidade profissional no trato do produto turístico, cenário que nos incita promover o diálogo, reconhecimento e troca entre tais comunidades. Nesse sentido, após período pandêmico, o projeto em tela passou a organizar encontros de jovens e lideranças comunitárias em forma de "Ciranda de Encontros", de maneira que a circularidade dos participantes os levasse a conhecer o território, as atividades e tecnologias sociais de TBC desenvolvidas pelas demais comunidades da roda.

O "Ciranda" tem atuado na promoção do encontro entre comunidades que desenvolvem o Turismo de Base Comunitária (TBC), principalmente do espaço rural, mas não exclusivamente, para a troca de práticas e experiências, promovendo benefícios no processo de ensino-aprendizagem comunidade-comunidade e comunidade-universidade. Nesse sentido, o objetivo do presente artigo é apresentar os resultados dos encontros promovidos pelo Projeto de extensão "Ciranda de Encontros", do Curso de Turismo da UFPB, em seu primeiro ano (2023-2024) e o que foi alcançado em termos das metas propostas.

O Projeto ora apresentado centrou-se em promover o encontro entre lideranças de Turismo de Base Comunitária da Paraíba (até 2023) e posteriormente ampliando-se para região Nordeste (de 2024 em diante), promovendo a roteirização turística para troca de experiências, estimulando o diálogo e a cooperação, a fim de promover a sinergia entre seus trabalhos, aliando saber popular, organização social e conhecimento técnico-científico.

REFERENCIAL TEÓRICO

O turismo de massa, a nível mundial, enfrentou uma forte crise com a pandemia. A partir do momento em que a "normalidade" sanitária foi restaurada, o setor vem dando sinais de crescimento e pujança. Os preços dos voos não desaceleraram pós pandemia, muito pelo contrário, com a demanda crescente, principalmente os grandes conglomerados turísticos vêm faturando. "Esse modelo de turismo convencional tem obedecido a uma lógica capitalista de acumulação de riquezas e de exploração de áreas naturais e de comunidades tradicionais (...)" (Silva & Araújo, 2018, p. 77).

O turismo de base comunitária (eixo alternativo do turismo contra hegemônico) articula-se ao de massa (eixo econômico do turismo convencional hegemônico), sofrendo os mesmos efeitos socioeconômicos pós pandêmico, pois ambos compartilham do comércio de serviços, paisagens e experiências, "produzido por cadeia produtiva formada por conjunto de operações de diversas unidades interligadas, formando uma totalidade articulada" (Nagabe, 2020, p. 296). Ambos

engendram determinações e relações que perpassam e completam a transversalidade do todo. Um processo dinâmico que une categorias, unidades, partes, conjuntos, em relações e correlações que conectam os eixos de diversas formas, e interesses específicos relacionados à trajetória histórica de instituições, grupos e lideranças. (Nagabe, 2020, p. 296).

Na "contra-racionalidade" do denominado turismo de massa, que demanda muito do meio ambiente, seja na infraestrutura, seja na maneira como os recursos naturais são utilizados de forma, por vezes, privatizada, vem se destacando uma modalidade de turismo que busca a distribuição de riquezas, a manutenção das tradições culturais, a



salvaguarda do meio ambiente, e uma reparação histórica que coloca no centro desse cenário as comunidades tradicionais, seus saberes e fazeres. A essa modalidade de Turismo convencionou-se denominar Turismo de Base Comunitária (TBC). E muito do que hoje vemos preservados em termos de riquezas culturais, deve-se aos povos originários do Brasil, onde a luta precede a escolha pelo desenvolvimento da atividade turística em seu território. São comunidades quilombolas, ribeirinhas, indígenas, rurais, ou mesmo uma combinação de várias origens étnicas raciais ancestrais.

Como apontam Boulhosa e Vasconcelos (2019, p. 5), “experiências de TBC têm sido registradas em todo o território brasileiro, e em cada experiência há particularidades e especificidades dadas pelas características socioambientais, políticas e culturais (...)”. Nesse sentido, sabe-se que o turismo comunitário apresenta valores contraditórios ao padrão hegemônico de consumo e enaltece valores sociais e humanitários, por tratar-se de uma forma de gestão turística organizada a partir das intenções e necessidades dos residentes e da qualidade de vida local, para acolhimento dos turistas.

Tais comunidades vêm desenvolvendo uma modalidade de turismo que, de acordo com Maldonado (2009, p. 31), se pauta:

Na autogestão sustentável dos recursos patrimoniais comunitários, de acordo com as práticas de cooperação e equidade no trabalho e na distribuição dos benefícios gerados pela prestação dos serviços turísticos. A característica distinta do turismo comunitário é sua dimensão humana e cultural, vale dizer antropológica, com objetivo de incentivar o diálogo entre iguais e encontros interculturais de qualidade com nossos visitantes, na perspectiva de conhecer e aprender com seus respectivos modos de vida.

O Turismo de Base Comunitária não cabe nas definições formais da OMT que versam sobre a distância que o turista deve ter do seu local de origem ou do tempo de permanência dele no local visitado. O TBC pode ser realizado em uma comunidade urbana na mesma cidade em que o turista reside e a visita pode durar horas ou turnos, dependendo da proposta da comunidade. Mielke e Pegas (2013, p. 2) revelam um traço muito peculiar do TBC quando afirmam que o “Turismo de Base Comunitária ou TBC, não é um segmento, mas sim uma metodologia de trabalho”. E que esta começou a ser usado estrategicamente como uma ferramenta para reduzir a pobreza na década de 1980. E, por que não é um segmento, conceito tão utilizado na área de marketing? Porque, cada comunidade é única, singular em sua formação histórico-cultural e social, e modelos prontos e engessados não servem para trabalhar o TBC. Podem existir modelos para se trabalhar turismo de negócios, de cruzeiros, da melhor idade etc. Mas quando se fala em TBC o caminhar dessa estruturação turística vai depender do envolvimento da comunidade nas decisões, por mais que alguma estrutura prévia seja utilizada. Nas últimas décadas:

O turismo comunitário ganhou notoriedade, reconhecimento político e acadêmico no Brasil, multiplicando publicações e eventos que tratam do tema junto às universidades e grupos de pesquisa. O Governo Federal lançou, em 2008, um Edital específico para financiamento do turismo comunitário. Na chamada pública, cinquenta projetos foram selecionados e financiados, entre os mais de quinhentos inscritos, dele resultando a publicação de catálogo. Dos 50 projetos apresentados, 32 (64%) localizam-se no litoral brasileiro, e 11 (22%) alocam-se no litoral nordestino. Verifica-se que os Estados da Paraíba e do Piauí foram os únicos do Nordeste brasileiro sem registro de projetos na lista. (Brasil, 2009)



Na Paraíba, por exemplo, o motivo que justifica a inserção do turismo enquanto atividade produtiva no âmbito das comunidades estudadas, centra-se na necessidade de renda para manutenção de necessidades básicas de subsistência, moradia, para manutenção das comunidades em seus territórios habituais. Trata-se de necessidades sem uma hierarquia entre si, pois são simultâneos e complementares e envolvem geração de renda, uso e acesso a serviços de saúde, educação, comunicação, transporte e lazer. Ao mesmo tempo, a renda proveniente do turismo é impulso inevitável em direção ao acesso e consumo de bens e serviços e à busca por educação formal e técnica.

METODOLOGIA

As comunidades tradicionais encontraram na atividade turística uma oportunidade de manter tradições culturais e atividades socioeconômicas, ao mesmo tempo que inserem uma nova atividade para uma dinâmica que pode vir a ser extremamente benéfica quanto a visibilidade das comunidades, autogestão sustentável, entre outras.

O Projeto “Ciranda de Encontros” propõe um intercâmbio de visitas, onde os protagonistas são as lideranças e membros de comunidades tradicionais inseridas no TBC. Foi realizada uma agenda de visitas com as lideranças comunitárias que realizaram um roteiro pré-determinado pela comunidade receptora. Alunos de graduação puderam acompanhar as visitas, e as rodas de diálogos entre as lideranças para discussão do TBC em seus respectivos territórios, ao final de cada visita. Os encontros foram disponibilizados no Instagram e Youtube, de maneira que sejam derivados outros “produtos” acadêmicos e de informação livre sobre o tema debatido nos encontros.

Os *tours* nas comunidades são comumente denominados “vivências”. Na Paraíba, temos a comunidade quilombola Caiana dos Crioulos, em Alagoa Grande que desenvolve o “Vivenciando Caiana”. Esta experiência turística serviu de inspiração para a criação do “Vivenciando o Porto”, realizado pelas lideranças da comunidade urbana “Porto do Capim”, localizada no Centro Histórico de João Pessoa. Em paralelo, foi realizada uma visita técnica, com alunos do Curso de Turismo da UFPB, à Comunidade “Ilha de Deus”, em Recife, que tem uma história de luta muito semelhante ao Porto do Capim, o que suscitou a ideia da realização de encontros regionais de práticas e experiências de TBC. Vale ressaltar o protagonismo das lideranças femininas nessa modalidade de turismo.

Seguindo os preceitos da metodologia construtivista, que preza pela construção participativa, o projeto: a) Realizou a qualificação profissional em elaboração de roteiros turísticos, por meio de metodologias ativas, em formato de oficina prática, promovida pela coordenação do projeto aos alunos; b) Visita da equipe do projeto às comunidades envolvidas para elaboração dos roteiros de TBC; c) Junto aos roteiros de TBC vivenciado pelas lideranças comunitárias, realizamos o encontro entre lideranças comunitárias culminando com uma “roda de conversa”, para que pudessem apresentar, trocar ideias e sugestões a partir do que vivenciaram na comunidade visitada; e, d) Os roteiros turísticos de TBC, por fim, estimulou a integração das comunidades envolvidas, em Rede.

A Universidade, através de suas atividades indissociáveis de ensino, pesquisa e extensão, tem por objetivo o desenvolvimento socioeconômico da região e do país, através de suas áreas de competência, e uma responsabilidade social, especialmente no que se refere à inclusão social, ao desenvolvimento econômico e social, à defesa do meio ambiente, da memória cultural, da produção artística e do patrimônio cultural (Sinaes,



2009, Art. 3º). Isto significa que precisamos adequar os métodos de ensino às realidades locais, principalmente quando o foco são comunidades tradicionais únicas em sua condição de existência.

Nesta primeira fase, ou ano, do Projeto, dois encontros foram promovidos: a) Porto do Capim (João Pessoa-PB) visita Chã de Jardim (Areia-PB), ocorrido em 19 de setembro de 2023; e Chã de Jardim visita Porto do Capim, ocorrido em 10 de outubro de 2023. O resultado destes encontros será apresentado na próxima seção.

Assim, este artigo tem como objetivo apresentar o “Ciranda”, demonstrar e discutir os resultados dos encontros já promovidos pelo Projeto, as metas alcançadas. Para isso, recorre-se aos arquivos textuais e audiovisuais dos integrantes do “Ciranda” para compor a memória dos encontros e, a partir desse material, proceder a descrição destes e do resultado do Projeto.

DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Antes de relatar o resultado do encontro entre as lideranças das duas comunidades, faz-se necessária uma breve apresentação das duas comunidades em questão.

Chã de Jardim

Chã de Jardim (Imagem 1) é uma comunidade rural com mais de 200 famílias, localizada a 7 km do centro, do município de Areia, às margens da rodovia estadual PB 079, também conhecida como Anel do Brejo. A história do turismo nessa comunidade começa com um grupo de jovens, cuja principal liderança é Luciana Balbino, professora de História e empreendedora. Os negócios de turismo pertencem às famílias residentes, que movimentam a economia local através da criatividade, são eles: Restaurante Vó Maria; Pousada Sítio Casa de Vó, com dormitórios e barracas no camping; picolé, sorvetes, doces e polpa Doces Jardim são produzidos com as frutas da região; Bodega Vó Maria; trilhas ecológicas e piquenique na reserva ecológica da Mata do Pau Ferro; galeria “Arte em Comunidade”; Oficinas de artesanato com folhas de bananeiras.

Imagem 1. Casas de Chã de Jardim



Fonte: Ciranda de Encontros (2023)



A líder da comunidade, Luciana Balbino, já realizou mais de 500 palestras. Em 2018, após palestrar no evento do TEDx, passou a integrar o grupo de conferencistas da Google, ampliando a divulgação dos negócios de TBC do território. Diversos veículos de comunicação locais e nacionais, como a TV Globo, fizeram reportagens sobre Luciana e a história da comunidade. Em 2021, ela foi destaque na lista Forbes das 100 Mulheres Poderosas do Agro.

Porto do Capim

O Porto do Capim (Imagem 2) é o berço da capital paraibana João Pessoa, localizada no Bairro do Varadouro. Acredita-se que esse nome surgiu devido a uma grande quantidade de capim que era deixado nos desembarques, para alimentar os animais que eram utilizados como transporte. O Porto do Varadouro, conhecido também, como Porto do Capim, foi a principal região portuária de João Pessoa, antes de ser transferido para o município vizinho, Cabedelo.

Imagem 2. Comunidade ribeirinha Porto do Capim



Fonte: Ciranda de Encontros (2023)

À margem do rio Sanhauá, afluente do rio Paraíba, reúne mais de 500 famílias. Seus moradores são pescadores, marisqueiros, catadores de caranguejos e ex-trabalhadores do porto. A interação com o rio e o mangue é frequente, assim como o contato com a natureza e sua preservação, que é feita pelos próprios moradores. Hoje o local encontra-se dividido em quatro ruas: Frei Vital, Porto do Capim, Vila Nassau e Praça XV.

No Porto do Capim vamos encontrar apresentações culturais, artesanato e camisetas serigrafadas, gastronomia e tradições locais, como: o “Ala Ursa Pai do Mangue”, Arraiá do Porto, “Raízes do Porto” (comemoração do aniversário da cidade pela ótica do seu nascedouro). A renda é revertida para as despesas do “Ponto de Cultura” e suas ações. Outro evento tradicional no território é a Procissão de Nossa Senhora da Conceição, que sai do centro histórico até o trapiche do Porto do Capim, e segue em procissão fluvial pelo Rio Sanhauá.

O Natal Cultural organizado pela população reúne escolas de samba e orquestras locais, com contação de histórias, teatro e danças que compõem três noites de festa. Também realizam projetos como o cineclube Cine Porto e o “Vivenciando o Porto”, uma rota turística guiada, com pausas em empreendimentos locais.



O coletivo de jovens moradoras “Garças do Sanhauá” mobiliza os moradores do território pela melhoria social da comunidade e permanência coletiva no local. As lideranças são as irmãs gêmeas Rayssa e Rossana Holanda. Desde 2015, elas, junto ao coletivo “Garças do Sanhauá”, realizam o “Vivenciando o Porto do Capim”, um projeto de Turismo de Base Comunitária que teve papel fundamental na luta da comunidade contra o projeto de desapropriação que a Prefeitura imputou e, que previa um projeto turístico de “cima para baixo”, rechaçado pela comunidade que até hoje resiste e sofre ameaças.

RELATO DO ENCONTRO ENTRE AS COMUNIDADES

a) Porto do Capim visita Chã de Jardim

Em 19 de setembro de 2023, dá-se o primeiro encontro do Ciranda: a Comunidade Porto do Capim visita Chã de Jardim.

Nesse encontro, estavam presentes o representante da Sudema, Daniel Bastos, e Dona Ivonete, pescadora, marisqueira e artesã, da Comunidade do Renascer, em Cabedelo-PB, representante da Colônia de Pescadores de Cabedelo⁵. Daniel é um dos integrantes de um Projeto de TBC para comunidades próximas à Unidade de Conservação da Ilha de Areia Vermelha. Também estavam presentes as coordenadoras do Projeto, os alunos da disciplina “Turismo, Antropologia e Cultura” e “Introdução ao Turismo” da UFPB, a bolsista do Projeto, Beatriz Melo, e voluntários do Projeto: Rayssa Sales, Mirela Gonçalves e João Vicente que realizaram o registro textual e audiovisual do encontro.

Esse encontro se deu entre as lideranças das comunidades de Chã de Jardim, e Porto do Capim, com participação de representantes da Colônia de Pescadores de Cabedelo e da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (SUDEMA).

A liderança de Chã de Jardim, Luciana Balbino, não pôde estar nesse encontro por choque de agenda. Ela teve uma viagem marcada que não estava prevista e, em seu lugar, designou um condutor Ambiental e Guia de Turismo para guiar nossa visita à Chã de Jardim. O condutor conhecia toda a história da comunidade e foi nosso cicerone.

Nesse encontro, visitou-se, juntamente com turmas de Turismo da Universidade Federal da Paraíba, a cidade de Areia, e a comunidade de Chã de Jardim. Alunos e lideranças comunitárias tiveram a oportunidade de conhecer o Restaurante Vó Maria e o Sítio Casa de Vó, empreendimentos que contam a história de como nasceu e é realizado o TBC naquela comunidade.

A fala do condutor, acompanhada atentamente pelas lideranças comunitárias do Porto do Capim, relata a luta capitaneada por Luciana Balbino para implantar o TBC no território, com ideias do Turismo Criativo e do Empreendedorismo Rural que inspiraram a transformar o lugar em um celeiro de negócios comunitários, fazendo com que a população, principalmente os jovens de Chã, permanecessem morando na comunidade, evitando o êxodo e desenvolvendo o local de modo a dar uma vida melhor aos que nele permaneceram. Histórias inspiradoras aliadas à paisagem rural do Brejo Paraibano, propiciaram um clima de diálogo e aprendizado mútuo, onde os visitantes

⁵ Cabedelo é uma das cidades que faz parte da Rede de TBC que foi formada no Projeto do MTUR-UNB em 2021, coordenada pela Profa. Rosalma Diniz.



tiveram a oportunidade de vivenciar de perto as iniciativas locais que transformaram a comunidade.

Os anfitriões de Chã de Jardim, exibem uma natural hospitalidade e satisfação em compartilhar suas experiências, demonstrando aos visitantes como a união e a cooperação podem gerar mudanças significativas em uma comunidade. Como exemplo dos empreendimentos locais, têm-se a criação das trilhas na Mata do Pau Ferro, o Restaurante Vó Maria e a Pousada Sítio Casa de Vó, o turismo de experiência com a oficina de artesanato na folha de bananeira oferecida aos turistas, a criação de picolés de sabores inovadores como pitomba e jatobá, entre outros mais de 15 produtos criados dentro da visão do empreendedorismo rural. Os anfitriões ilustraram como a visão abrangente, o compromisso e o trabalho em conjunto podem criar diversas oportunidades para todos.

A comunidade já conta com um amplo número de matérias que podem ser acessadas virtualmente. Uma delas, do ano de 2021, resume um pouco da trajetória de Chã.

De comunidade rural parada no tempo, Chã de Jardim passou a ser uma grande referência em turismo rural, turismo de experiência e economia criativa. Com o trabalho impulsionado e conduzido pela Associação para o Desenvolvimento Sustentável da Comunidade de Chã de Jardim, e os esforços dos próprios moradores e moradoras para mudar a própria realidade, hoje as cerca de 150 famílias locais contam com infraestrutura turística completa que recebe em média 800 visitantes por mês, emprego direto para 64 pessoas da comunidade (dentre elas muitos jovens), mais de 200 famílias beneficiadas indiretamente (incluindo famílias de comunidades vizinhas), e o fim do êxodo que ameaçava de extinção da comunidade. Para além dos benefícios materiais e sociais, há ainda outro muito importante, que Luciana Balbino destaca: “É notável a melhora da auto-estima das pessoas de Chã de Jardim. Hoje todas elas têm orgulho de morar na zona rural”. (Coprofam, 2021)

Após o encontro na Pousada Sítio Casa de Vó e do almoço no Restaurante Vó Maria, ambos pertencentes à Chã de Jardim⁶, professores, alunos e lideranças comunitárias foram ao “Bistrô Maria da Pá Virada” para um encontro e formação de uma roda de conversa sobre TBC com a presença do Agente de Desenvolvimento do BNB, Nazareno Félix (nosso anfitrião no restaurante), no município vizinho de Alagoa Grande. Nesse momento, só não tivemos a presença de representantes da comunidade de Chã de Jardim.

O agente de desenvolvimento do BNB, foi um dos grandes colaboradores do Projeto do PNQT, no Brejo Paraibano, além de atuar como fomentador do TBC na região, conectando projetos financeiros privados e sociais e auxiliando populações tradicionais a se destacarem em suas regiões.

A mesa para a roda de conversa foi formada pelos representantes do Porto do Capim, a artesã e pescadora de Cabedelo; o representante da Sudema; as professoras de Turismo e coordenadoras do Ciranda; e, alunos do curso de turismo da Universidade Federal da Paraíba (imagem 3).

⁶ No restaurante Vó Maria, todos os produtos ofertados são produzidos em Chã de Jardim. No cardápio não existe nenhum produto ou bebida que seja industrializado.



Imagem 3. Roda de Conversa entre Comunidades e Instituições



Fonte: Ciranda de Encontros (2024)

Rayssa começou se apresentando como gêmea univitelina de Rossana e parte dos Coletivos: Garças do Sanhauá, criado em 2016; da Associação de Mulheres, criada em 2015; além da Comissão Porto do Capim, criada em 2010. Ela explicou como o Porto do Capim trabalha de forma intergeracional, e como essas associações trabalham de maneira imbricada. Ressalta que o “Vivenciando o Porto” (Projeto de Turismo Comunitário do Porto do Capim) foi inspirado no Projeto “Vivenciando Caiana”, da comunidade quilombola “Caiana dos Crioulos”, de Alagoa Grande-PB (imagem 4).

Imagem 4. Momento de fala da Comunidade Porto do Capim-PB



Fonte: Ciranda de Encontros (2023)

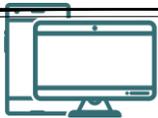
Rayssa demonstrou que a comunidade do Porto do Capim já fazia turismo, mas que eles não sabiam que aquilo que faziam era turismo, dado que a comunidade recebia as pessoas de maneira filantrópica e que, em 2016, após um secretário do Ministério Público levá-los para conhecerem a comunidade Caiana dos Crioulos, elas começaram a estruturar o “Vivenciando o Porto”, e que hoje, após ele estar bem estruturado, elas intitulam o mesmo como Turismo de Base Comunitária. Para ela, o Vivenciando o Porto representa tudo que a comunidade deseja transmitir, mas não só isso pois, quando se fala de turismo, parece que “só iremos ver coisas lindas e flores, e não é isso que acontece na realidade”. A luta do Porto contra a ameaça do poder público de remoção dos moradores daquele território foi o que fomentou as mulheres e as organizações a

Revista Turismo: Estudos & Práticas (RTEP)

v. 14, n. 1 (2025) (ISSN: 2316-1493)

Dossiê Turismo de Base Comunitária

<http://geplat.com/rtep/>



trabalharem o turismo. Na verdade, o que se percebe e é intrínseco à maioria das histórias dos territórios que desenvolvem o TBC, é que a luta precede o turismo.

Ainda falando sobre o território do Porto do Capim, Rayssa conta que o mesmo é nascedouro/berço da capital paraibana, e para além disso, é um território tradicional e ribeirinho e que eles se intitulam assim porque, além de serem de fato e se identificarem dessa forma, **isso garante direitos** (ênfatisa ela). Quando a prefeitura diz "vou remover os moradores por motivos X ou Y", a comunidade se baseia nesse título para assegurar os direitos dos moradores que ali habitam.

Ela destacou que a luta e a permanência no território são complicadas e que o TBC (Turismo de Base Comunitária), primeiramente, ajuda a rentabilizar. Porém, o trabalho do Coletivo é filantrópico dentro da comunidade. Essa rentabilização não acontece para o Coletivo, mas que estão caminhando para isso, porque o que fazem é trabalho. No entanto, ela advertiu: "nós, a sociedade, precisamos parar de pensar que o empreendedorismo social não deve rentabilizar quem trabalha com ele". Sara complementou dizendo que o "Ponto de Cultura", um espaço que utilizam para produções e recepção de turistas do Vivenciando, é alugado, mas a meta é que um dia seja do Coletivo e quem paga o aluguel do local são as Vivências. Por isso o TBC ainda não é suficiente para pagar os colaboradores. Rayssa voltou a falar da importância dos editais para captação de verba das comunidades, assim como a importância da Universidade como propagadora de informação.

Depois de Rayssa, a fala foi passada para Sara (uma jovem "Garça" de apenas 15 anos) que iniciou se apresentando como parte do Coletivo Garças do Sanhauá desde 2018 e contextualizou sobre o Coletivo Associação de Mulheres, que ganhou esse nome porque, segundo ela, muito tempo atrás, as meninas (Rayssa e Rossana) "olharam para um lado e para o outro" e só viram mulheres. Mulheres que arrumavam tempo, em meio às obrigações do dia a dia, para protestar e cuidar da própria comunidade.

Complementando a história de Rayssa sobre a criação do "Coletivo Garças do Sanhauá", Sara contou que o coletivo surgiu com o intuito de movimentar os jovens e ser o braço direito da Associação de Mulheres, e que, hoje em dia, a Associação de Mulheres ficou mais com a parte burocrática e as "Garças" com a parte cultural e de TBC.

A fala foi passada para Thalison que versou um pouco mais sobre o "Vivenciando o Porto", se apresentando como parte do "Coletivo Garças do Sanhauá" (Thalison é o único membro masculino do Coletivo) desde 2018 e aluno do primeiro período do curso de Turismo da UFPB, no qual entrou como cotista. Ainda apresenta o Vivenciando como um Projeto de Turismo de Base Comunitária, onde é feita a recepção do público na entrada da comunidade, depois um tour guiado pelas quatro áreas da do local, onde vão contando toda a história do Porto e sobre as tentativas de remoção da Prefeitura em 2019 contra a comunidade, visando a retirada dos moradores para um projeto turístico pensado de "cima para baixo", sem a anuência da comunidade. "O Vivenciando inicia na linha férrea para quebrar o estigma de que, se você descer pelo Hotel Globo e cruzar a linha do trem, vai estar em um ambiente hostil, o que não é a realidade", complementa Sara.

Rayssa, então, reforçou o que foi dito antes e que o discurso da prefeitura para tentar retirar os moradores é justamente de que "o local não tem cultura, que é para preservar o meio ambiente e que lá não existe turismo". E obviamente, nenhuma dessas afirmações é verdadeira ou tem embasamento. Inclusive, foi a própria comunidade que recuperou o mangue após ele ter sido devastado durante a suposta tentativa de reativação do Porto e é por isso que o Porto, muitas vezes, faz turismo para reivindicar



essa voz de resistência e, por vezes é para dizer ao próprio povo pessoense, que supõe que conhece a própria cidade: "desça mais um pouquinho... venha conhecer de fato onde João Pessoa nasceu, porque é fácil acreditar no que a mídia diz, mas ir conferir o que é dito não é algo que as pessoas fazem".

Logo após, Rayssa, Thalisson e Sarah introduziram a música *Pare, Olhe, Escute*, que tem esse nome baseado no aviso da linha do trem, e cuja ideia da música é completar esse aviso trazendo o olhar para a comunidade, pois, se você parar, olhar e escutar, verá que naquela comunidade tem gente, tem luta, tem turismo, cultura, e muito mais. Eles terminaram falando que é um pouco disso que o Porto tem a oferecer e que quem chega lá com amor e carinho, eles retribuem com amor e carinho e que a comunidade tem seis gerações de famílias, caminhando já para a sétima.

A palavra foi repassada para a professora de Turismo da UFPB, Fabiane, que introduziu a fala dos representantes de Cabedelo, dizendo que, há um tempo atrás, as coordenadoras do Projeto tiveram conhecimento de ações para fomento do Turismo de Base Comunitária em Unidades de Conservação marinha de Cabedelo, com a Colônia de Pescadores, ICMBio e Sudema.

O representante da Sudema, aluno de Geografia da UFPB, e parte da CEA – Coordenadoria de Estudos Ambientais, seção da Sudema que cuida das unidades de conservação na Paraíba, explica que, dentro das unidades de conservação, está o Parque Estadual Marinho de Areia Vermelha, de proteção integral, que se pode usufruir, porém, limitadamente. Justamente por isso, existem conflitos com as populações tradicionais local, anteriores a criação do Parque. Logo, é reconhecido que essas populações têm o direito de usufruir do local por toda a sua trajetória e tradição no local, e é aí que entra o projeto do ICMBio por parte da seção do CNPT – Centro Nacional de Pesquisa e Conservação Socioambiental de Populações Tradicionais, cujo centro financia alguns projetos no Nordeste, como o “GEF Mar” Nordeste, que é justamente para auxiliar populações tradicionais a criarem projetos para se destacarem em suas regiões. Dentro disso, a Sudema realizou um edital e acabou sendo selecionada para receber bolsas e aplicar o projeto de Areia Vermelha, cujo foco é o fortalecimento da pesca artesanal no local e implementação do TBC.

Segundo o representante da Sudema, Daniel Bastos, diferente do Porto do Capim (João Pessoa), em Cabedelo ainda não existe um plano de TBC, e eles ainda estão caminhando para isso. Dona Ivonete ajuda nesse processo por ser artesã, considerando o que elas produzem lá, o que vão conseguir vender no local e qual estratégia será utilizada. A artesã aponta as dificuldades em se comercializar no principal local turístico de Cabedelo, que é a “Praia do Jacaré”, como o fato de comerciantes mais abastados conseguirem se fixar lá por questões políticas, em detrimento das artesãs com menos condições financeiras. Já a Sudema está focada em fortalecer o que as comunidades tradicionais têm para ofertar em seus territórios.

Daniel assevera que toda área de conservação tem sua zona de amortecimento, ou seja, uma zona que já tem uma liberação de uso um pouco mais “afrouxada” e que normalmente costuma ser de um limite de dois a três quilômetros a partir do perímetro do parque estadual. Nesse perímetro estão as comunidades do Renascer, de Camboinha, e do Centro de Cabedelo. Logo, todas as comunidades de pescadores daquela região estão sendo abrangidas por esse projeto, cujo objetivo é levar o TBC para essas comunidades e mostrar quais são as possibilidades que elas têm.

Daniel justifica a participação dele e de Dona Ivonete, justamente no intuito de aprender com as práticas e saberes de Chã de Jardim e Porto do Capim, comunidades



que já vêm praticando o TBC há algum tempo. O representante da Sudema também fala de uma experiência que teve com comunidades em São Pedro da Aldeia-RJ, onde barqueiros conseguiram uma dupla autorização para uso de barco. “Então, quando o pescador não está pescando, ele está transportando turistas. O pessoal de Cabedelo também pode fazer isso, afinal, eles conhecem o Parque Estadual de Areia Vermelha melhor que ninguém, já que estão lá há mais de 50 anos”.

Ele ainda salientou que “o TBC chega para contrapor o capitalismo, levando mais renda para a população menos abastada, pois muitas vezes o capitalismo chega com tanta força que acaba expulsando a população tradicional, que acaba por ficar à margem, muitas vezes tendo até que sair do local”. Ele citou que as comunidades sofrem muita pressão, seja do mercado imobiliário, do turismo de massa ou do turismo na região do Jacaré, e que isso afeta muito aquelas populações. O projeto que estão desenvolvendo em Cabedelo visa justamente fortalecer a pesca tradicional, levar o turista a conhecer a pesca, conhecer os insumos que eles têm naquele local sob os princípios do TBC.

Uma fala representativa na Roda, foi a de Dona Ivonete. Pescadora e artesã, especializada no trabalho com conchas e escamas, ela conta que participou como expositora de feiras importantes como a “Feira Brasil Mostra Brasil” e do “Salão do Artesanato Paraibano”. Ela contou que começou a fazer artesanato em razão da poluição no rio, pois ia pescar e via que ficavam muitas escamas, e isso estava prejudicando o rio. Ao perceber isso, ela começou a fazer artesanato e o retorno foi tão bom que a mesma até parou de pescar. Atualmente, além do artesanato, ela dá aulas de como confeccionar bijóias com as escamas de peixe e as conchas, no IFPB e pelo projeto IPAS em Mamanguape. Dona Ivonete acrescentou que se sentiu inspirada pela oficina de artesanato na folha de bananeira que vivenciou em Chã de Jardim (imagem 5).

Imagem 5. Oficina de artesanato com folha de bananeira em Chã de jardim



Fonte: Ciranda de Encontros (2023)

O representante da Sudema, indagado sobre seu aprendizado no roteiro de TBC realizado na visita a Chã, e sobre o que poderia ser implementado em Cabedelo, respondeu que o Restaurante Vó Maria é uma inspiração, pois eles têm uma grande biodiversidade à sua disposição e cozinham muito bem, além de respeitar as temporadas de pesca.

Rayssa, líder do Porto do Capim, respondeu também que o Restaurante foi inspirador, pois elas já tinham a pretensão de investir em uma área para servir alimentação, assim como a pretensão de montar uma pousada. Ressaltam, todavia, que a ideia nunca foi adiante em virtude da constante ameaça de remoção da Comunidade do local. Thalison lembrou a Rayssa sobre a pretensão da construção de um museu, mas o impedimento seria o mesmo. Assim, no momento eles investem mais em editais voltados a ações de educação e cultura.



Rayssa trouxe à baila uma questão importante e discutida há tempos: a desconfiança das comunidades com pesquisadores. Ela evidencia que acadêmicos usam as comunidades como “ratinhos de laboratório” e, seja a Universidade, Prefeitura etc., é importante ter estas instituições como parceiros, que querem de fato ajudar, mas sem perder de vista que o poder está dentro e entre as comunidades, que precisam estar bem consolidadas, pois, se a instituição não der continuidade ao Projeto, a comunidade fortalecida é capaz de o levar adiante. Enfatiza que no Porto do Capim se disponibiliza sempre que Dona Ivonete ou outros membros das comunidades situadas em Cabedelo quiserem trocar ideias, até porque Porto do Capim e Cabedelo são conectados pelo mesmo rio.

A professora Rosalma fez um aparte para dizer como o TBC é essa “segunda via” que não vai se extinguir e que é muito importante ser mostrado para os alunos ainda no primeiro período do Curso de Turismo da UFPB. Assim, o aluno, que chega habituado com esse turismo convencional, tem o impacto de ver que existe outra possibilidade de turismo a qual ele nem imaginava. Quando ele chega nas outras disciplinas, já está atento a essas outras possibilidades, que ela chama de “mais humanas, mais empáticas, e que trabalham a alma”.

Em seguida, a palavra foi passada para Nazareno Félix, que falou sobre o Banco do Nordeste e seu trabalho como agente de desenvolvimento do banco e agente fomentador do turismo, e que o BNB tem todo o interesse em financiar quaisquer empreendimentos na área, incentivando o Turismo de Base Comunitária. Ele ressaltou que a cidade de Alagoa Grande tem elementos culturais importantes para o turismo e para a história da Paraíba e do Brasil, mencionando a história da líder comunitária e sindical Margarida Maria Alves e do músico Jackson do Pandeiro, e nos convidou a conhecer a história dessas duas figuras através da “Rota Turística Jackson do Pandeiro”, além da já conhecida “Rota dos Engenhos”.

Após a fala de Nazareno, Rosalma voltou a citar o próprio Nazareno, ao dizer que foi do agente do BNB que assimilou o questionamento de que “se estamos trabalhando com o turismo para que ele seja concentrador de renda, o que estamos fazendo?” Então, temos que trabalhar com turismo para que ele seja de fato distribuidor de renda, diz ela. A Professora salientou que já estamos tão acostumados com o turismo de massa, onde só ganha quem já tem, e que vamos reproduzindo essa lógica naturalmente. “Então, é bom olhar para um outro lado e até para dentro de nós mesmos, afinal todos temos raízes no interior”.

Rayssa encerrou a Roda chamando atenção para o fato de que os alunos devem se sentir privilegiados, pois têm professoras que os tiram de sala de aula e proporcionam tais experiências, ainda driblando a falta de recursos. Isto porque as visitas do Projeto Ciranda, que promove o encontro entre lideranças comunitárias que trabalham o TBC é feito com recursos de visitas técnicas das disciplinas, e não para o Projeto em si.

b) Chã de Jardim visita Porto do Capim

Em 10 de outubro de 2023, deu-se o segundo encontro do Ciranda: Comunidade Chã de Jardim visita Porto do Capim.

No referido encontro, Rayssa, Rossana, Thalison e Sara receberam a liderança da Comunidade de Chã de Jardim, Luciana Balbino. No encontro a presença das Professoras Coordenadoras do Projeto “Ciranda de Encontros”, Professoras Fabiane Nagabe e Rosalma Diniz, a turismóloga e integrante da ONG Maracá Cidadania, Vivian

Maitê, os alunos integrantes do Projeto, Beatriz Melo e João Vicente, a aluna de Turismo da UFPB, Luciana Leite. Também convidados para o encontro, para fazer a “Ciranda” girar, Daniel Bastos da Sudema e Dona Ivonete, pescadora, marisqueira e artesã da Comunidade do Renascer em Cabedelo-PB (imagem 6).

Imagem 6. Início do acolhimento para o segundo encontro do Ciranda



Fonte: Ciranda de Encontros (2023)

No território, os convidados participaram do “Vivenciando o Porto”, fazendo quase todo o roteiro vendido pelo coletivo “Garças do Sanhauá”, incluindo desde o tour guiado pela comunidade, a parada no “Sítio do Pica-pau Amarelo”, o passeio de canoa no Rio Paraíba até a “Ilha da Santa”, culminando com almoço de apreciação da culinária local, representado pela mariscada.

Após o tour pela comunidade, foi realizada uma parada em uma área que margeia o mangue, o “Sítio do Picapau Amarelo”, que estava abandonada e foi revitalizada em 2022 pelas “Garças do Sanhauá”, disse Rayssa.

Imagem 7. Espaço “instagramável” no Sítio do Pica-pau Amarelo” no Porto do Capim



Fonte: Ciranda de Encontros (2023)

No Sítio, Rayssa demonstrou a importância do registro dos que fazem a inscrição do Vivenciando pelo “Google forms”, pois a partir do preenchimento, o Coletivo compila os dados dos visitantes, e estes dados são um documento para afirmarem “olha estamos fazendo TBC no Porto”. Além do público acadêmico, ela diz que já receberam turmas de



turistas de Portugal e França, e que é um dado, um documento para atestar que estão fazendo turismo. E o Vivenciando também inaugura um olhar da Comunidade para a Comunidade. “Não existia olhar de dentro pra dentro, e o Vivenciando trouxe e traz isso. Essa pausa de contemplação da natureza, pra dizer que o mangue é vivo. E que a população ribeirinha faz parte desse manguezal. Tudo um ecossistema”.

Após a parada no Sítio, seguimos para a “Ilha da Santa” (imagem 8), onde dá-se a roda de conversa. Foi um momento de diálogo e muita troca de aprendizado para todos os que lá estavam.

Imagem 8. Anfitriões e convidados partem para a Ilha da Santa pelo Rio Paraíba



Fonte: Ciranda de Encontros (2023)

Imagem 9. Momento de diálogo e troca entre Luciana de Chã e Rayssa e Thalison de Porto



Fonte: Ciranda de Encontros (2023)

Na Ilha da Santa, Rayssa começou o diálogo sobre TBC (imagem 9) dizendo que enquanto Coletivo, eles vão bebendo de tantas outras comunidades que desenvolvem o TBC, porque o turismo é potente não só para o fomento da própria atividade turística, mas para poder apresentar essa narrativa político-comunitária que o Porto tem desde a fundação e seu processo histórico de enraizamento, bem como para apresentar as atividades e saberes culturais, e fazer o Coletivo de mulheres Garças do Sanhauá voar, para serem protagonistas da própria comunidade. “Então o Vivenciando também é palco de impulso, de voo”. A Comunidade foi aprovada na EXPOFAVELA, edital nacional, e receberam uma premiação de 40 mil com um Projeto de TBC.



Rayssa falou da dificuldade de mobilização, principalmente de homens para ajudar na infraestrutura, para concretizar as ideias. No que Luciana Balbino disse que ela “comece só”. Que a própria Luciana Já foi chamada de louca, mas que começava a fazer e então ia sensibilizando quem estava assistindo. “E iam chegando junto. É preciso de vontade pra poder mover o corpo”. Rayssa falou da resistência dos próprios canoeiros em acreditar no Projeto.

Por outro lado, e sobre os processos de luta, Rayssa expôs esse processo de exclusão governamental quando colocou que: “nos autodeclarámos como comunidade tradicional ribeirinha e eles não reconhecem, existe um processo de negação o tempo inteiro. E o turismo também é palco dessa luta, inclusive do protagonismo feminino”. Ela chamou atenção para a forma como a grande mídia apresenta o Porto, “como lugar violento, e de miséria...”. O Vivenciando é também uma forma de mostrar que o território é seguro para quem vem visitá-lo.

O momento de troca se dá quando Luciana Balbino, após fazer o tour do Vivenciando e na parada da Ilha da Santa, vai pontuando as questões que observou e a fala de Rayssa. Ela diz que com recurso de palestras que ela dá sobre a história de como foi erguido o turismo em Chã de Jardim, vai construir uma praça na comunidade, mas não uma praça de “prefeito”, mas uma praça com características da Comunidade. E que tem alegria de inspirar as pessoas e que se sente feliz com essa oportunidade de compartilhar ideias. “Essa vivência me inspira e me traz tantas outras coisas que eu possa implantar lá em Chã. Turismo é isso: pegar uma coisa daqui e de lá e tentar melhorar e dar a nossa cara e transformar em negócio. Aliás, prepondera no discurso de Luciana como “turismo é negócio”. “Despertem o olhar. Tudo é negócio”, disse ela, ao salientar que se surpreendeu ao saber que o que as “Garças” angariam só conseguem pagar despesas básicas. “Ver vocês dizendo que trabalham para pagar aluguel, com tudo que eu vi aqui, é muito pouco. Vocês podem viver disso aqui. Não precisa outra profissão que não essa”. Ela aconselhou o Coletivo a também buscar os clientes de agência, que chegam no Centro Histórico de João Pessoa, mas não descem para o Porto. Luciana reiterou a importância de preparar o local para receber o turista, pois se não houver esse preparo, “o turista visita e queima seu destino, seu roteiro”. Dá ideia de Rayssa procurar os cursos do Senar e Sebrae, mas sempre nessa visão: “nem tudo que disserem, siga a risca. Escute, peneire, vê o que dá certo e coloque em prática. Pra não fazer o que os outros querem e não ficarmos contente com isso. Se não tiver brilho no olho a pessoa não vem, e o que faz a gente ter o brilho no olho é a gente respeitar quem a gente é e fazer as coisas como achamos que deve ser.”

Rayssa então, agradeceu a presença e as orientações/sugestões de Luciana e disse que na visita à Chã, “saímos com a cabeça fervilhando de coisas. E temos as limitações pela vida. E esse momento de beber de outras fontes de comunidades e lideranças e editais, inspira a fazer muita coisa diferente”. Agradeceu a presença de Dona Ivone, de Cabedelo e se mostrou a disposição, ratificando como é desafiador “lutar contra esse sistema, porque toda vez que tem uma ameaça da Prefeitura pra remover as nossas casas, a gente tem que largar tudo pra entrar nessa luta, que é de resistência. E nossos planos desandam na hora ou têm que esperar, mas temos que nos manter muito firme e queremos que o turismo seja mesmo a principal atividade das Garças e fonte de renda pra todos eles que trabalham e para os que vão chegar”. Demonstrou gratidão aos que depositam confiança no “Vivenciando” e diz que a academia é o maior público e a maior parceira do Projeto de TBC da Comunidade. E que os cursos de Arquitetura, Geografia e Turismo mobilizam suas turmas, para manter esse tipo de turismo,

evidenciando que gostaria de ampliar esse público, para outros tipos de turistas que vêm conhecer João Pessoa, lhes mostrando uma outra perspectiva da cidade.

Ainda na Ilha da Santa, Dona Ivonete disse que vê ali uma loja para artesanato de conchas e escamas. E que também pode ser realizado no local um turismo de experiência, do turista acompanhar a extração de mariscos na croa, sentir o gosto de tirar o marisco com suas mãos, sentindo a terra, e com parada para explicar as “camboas” (as entradas nos rios). Luciana Leite, aluna do Curso de Turismo, disse que vislumbra uma trilha ali, na Ilha. Vivian Maitê, turismóloga e membro da ONG Maracá Cidadania, observou que podia ser feito um roteiro de manguezal, uma trilha focando a natureza e informações sobre ela, agregando aspectos naturais com os culturais já presentes no Porto.

No retorno da Ilha para o trapiche do Porto, se dá o final da visita, com os anfitriões recebendo os visitantes no almoço, para degustar a culinária local.

Imagem 10. Mariscada servida aos visitantes no final do tour



Fonte: Ciranda de Encontros (2023)

No final da visita, Daniel Bastos da Sudema, que conheceu naquela ocasião o trabalho de TBC do Porto do Capim, disse: “saio com muitas ideias. Você se sente bem, é acolhido, as experiências, vivências com o pessoal do local, tudo isso muda sua perspectiva sobre o território. É uma experiência que vale muito a pena!”.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O Projeto “Ciranda de Encontros” nasce do desejo de aproximar mais o Curso de Turismo às iniciativas das comunidades tradicionais de se lançarem na atividade turística, fazendo com que a academia apresente aos alunos, principalmente os de períodos iniciais, uma modalidade de turismo contra-hegemônica, verdadeiramente sustentável, pedagógica, reflexiva (pois nos leva a repensar as formas de fazer turismo e se relacionar com o outro), mais humanizada e equitativa, onde os lucros provenientes do turismo são revertidos para a autossustentação das comunidades.



A ideia de unir comunidades (suas lideranças e membros) em seus próprios territórios para a troca de vivências, saberes e práticas, parte do pressuposto de que as experiências de cada uma ensinam a outra e as tornam menos isoladas, dado que existem muitos problemas que são comuns às comunidades tradicionais, que em sua maioria vivem nas periferias das cidades e são carentes de uma presença mais eficaz e cuidadosa do estado.

O “Ciranda” parte do pressuposto que a academia tem um papel mediador importante e pode ser um aliado das comunidades em algumas expertises que estas ainda não possuem e demandam um determinado suporte. No entanto é necessária muita sensibilidade. Portanto, durante o encontro entre comunidades e suas lideranças, quando estas se encontram e iniciam um diálogo (como o que se deu no percurso do Rio Sanhauá à Ilha da Santa, quando “Chã de Jardim visita Porto do Capim”), cabe às professoras e coordenadoras do Projeto tão somente estimular o diálogo entre as duas e aprender com elas. Em uma determinada fala, uma das lideranças do Porto do Capim, Rayssa Holanda, fala sobre a desconfiança generalizada que as comunidades têm com a academia, por entender que são usadas como “rato de laboratório”, e no final das contas, a academia não deixa muito para a comunidade, e estas se sentem usadas. Portanto, as coordenadoras do “Ciranda” procuram atuar como parceiras das comunidades que fazem parte do Projeto. É uma dessas parcerias é ter uma agenda semestral de visitas técnicas às comunidades, onde os alunos são levados a conhecer a comunidade, pagar um ticket pela visita, vivenciar a cultura, costumes e história da comunidade, voltando transformados da vivência, como muitos depoimentos em sala atestam.

Quando uma comunidade visita outra, transmite esperança, conhecimento, experiência, irmandade, cooperação, força e inspiração. Quando Luciana Balbino, que é referência no TBC e empreendedorismo rural não só na Paraíba, diz para Rayssa, do Porto do Capim, menciona a dificuldade que é começar um projeto de TBC quando a comunidade não abraça, a princípio, e se mostra desconfiada com os propósitos, Luciana fala da sua própria experiência, declarando que é preciso começar por conta própria, sem a ajuda de ninguém, como ela fez em Chã, ficando a primeira estaca no solo pra construir uma palhoça. Então é esse tipo de experiência e troca que só pode existir entre eles, porque são eles que vivenciam o dia a dia com as dificuldades e agruras que as comunidades periféricas enfrentam. Inicia-se também, entre as comunidades, um laço sinérgico que vai além do Projeto, e esse é um dos objetivos, quando estas trocam contatos, (instagram, whatsapp) após a visita, e passam a se relacionar para além dos encontros promovidos pelo Ciranda. Outro momento importante foi quando Luciana Balbino falou para Thalison, jovem liderança do Porto, e Rayssa, que a comunidade pode se desenvolver e viver de Turismo de Base Comunitária, uma vez que há muitas possibilidades de angariar recursos por meio dessa modalidade de turismo.

A presença de Daniel e Ivonete, representando a cidade costeira de Cabedelo, que vêm buscando meios de desenvolver o TBC na região, foi muito oportuna, uma vez que as práticas, fazeres e saberes de Chã e de Porto foram observadas por eles, in loco, de modo a dar-lhes ideias e mais motivação para desenvolver o TBC nas comunidades das quais estudam e fazem parte em Cabedelo.

Portanto, destacamos alguns pontos observados no diálogo entre as lideranças comunitárias que ocorreram nos encontros do “Ciranda”. No entanto, acreditamos que a descrição dos próprios diálogos, e da riqueza de conteúdo que eles apresentam, nos fornecem muitos elementos que caracterizam os caminhos percorridos pelas comunidades no fazer Turismo de Base Comunitária, revelando o esforço, a força,



coragem e vontade de mudar uma situação dada em uma situação desejada, utilizando a atividade turística como meio de mudança. E que quando estes caminhos são compartilhados entre iguais, constrói-se uma sinergia genuína que pode mudar vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Turismo de Base Comunitária, TBC, não se trata apenas de mais um segmento do mercado turístico, mas de uma metodologia de trabalho, pois cada comunidade é única, em suas características territoriais, histórico-econômicas e socioculturais. E trabalhar com TBC é aprimorar a escuta atenta para vislumbrar a atividade turística como uma experiência responsável e sustentável.

O Turismo Alternativo de Base Comunitária busca se contrapor ao turismo massificado, requerendo menor densidade de infraestrutura e serviços. Ele valoriza uma vinculação situada nos ambientes naturais e na cultura de cada lugar. Não se trata apenas de percorrer rotas exóticas, diferenciadas daquelas do turismo de massa. Trata-se de um outro modo de visita e hospitalidade, diferenciado em relação ao turismo massificado, onde se destaca a autonomia e o protagonismo das populações tradicionais na promoção da atividade turística em seu território, proporcionando ao turista um contato autêntico com o patrimônio das comunidades anfitriãs.

O projeto “Ciranda de Encontros - roteiros turísticos, troca de experiências e práticas no Turismo de Base Comunitária”, teve início na segunda metade do ano de 2023; o mesmo é continuidade do projeto “Rede Rota Turismo de Inclusão”.

Os primeiros movimentos desse “Cirandar” se deram na troca de visitas e experiências entre as Comunidades Chã de Jardim, no Brejo paraibano, e Porto do Capim, no nascedouro da cidade de João Pessoa, nos meses de setembro e outubro de 2023, reunindo lideranças comunitárias de territórios que exercem o TBC, Universidade Federal da Paraíba por meio de Professores do Curso de Turismo (as Coordenadoras do Projeto), alunos bolsista, voluntários e das disciplinas das Professoras coordenadoras do Projeto, envolvendo assim, um número considerável de alunos, instituições e lideranças no decorrer de um ano de Projeto.

A ideia do Ciranda perpassa pela sinergia dos encontros entre lideranças comunitárias, onde a Universidade ocupa o lugar de mediador e facilitador das visitas e rodas de conversa. Vale salientar que o Projeto foi motivado pelo entendimento que as Comunidades não se conheciam ou se comunicavam entre si, o que significava um hiato na possibilidade de desenvolvimento destas, dado que a “união faz a força”, e constrói novos olhares.

O item “apresentação dos resultados” dos encontros já demonstra uma força sinérgica nas trocas quando aspectos do TBC de uma e de outra comunidade são contrapostos, alinhados ou confrontados, evidenciando o que a prática de um território pode inspirar o outro e vice-versa. Os olhares atentos dos alunos de primeiro período, fase em que estes ainda estão se adaptando à vida acadêmica, ao Curso e ao que de fato se entende por Turismo, se mostra necessário pois, convida o aluno a ter uma perspectiva mais humanizada e menos capitalista da atividade turística, ampliando o repertório curricular e permitindo entender que o Turismo de Base Comunitária pode transformar vidas de modo satisfatório, oferecendo uma abordagem mais sustentável e humana da atividade.

Na fala das comunidades, o Porto do Capim ressalta a luta constante do povo tradicional ribeirinho do Porto pela permanência em seu território; a importância do



empoderamento e as dificuldades que são enfrentadas enquanto comunidade, e como o protagonismo dos moradores é indispensável, uma vez que são os pilares da resistência. Daniel, da Sudema, trouxe a reflexão a dificuldade de colocar em prática um projeto de TBC que se sobreponha ao turismo de massa na Ilha de Areia Vermelha em Cabedelo-PB e da necessidade de preservação do meio ambiente. Dona Ivonete fala dos desafios da comercialização do artesanato frente à poderes hegemônicos e da importância dos rios em seu trabalho. Luciana Balbino, que lidera a comunidade que serve de exemplo ao TBC na Paraíba, destaca o caráter econômico do turismo e o potencial das comunidades para se desenvolverem e se autossustentarem com os recursos financeiros que podem advir do TBC.

O encontro foi uma oportunidade para compartilhar conhecimentos sobre conservação ambiental, turismo de base comunitária e como as comunidades podem se unir em prol de um futuro melhor. Um dos aprendizados que os alunos destacaram é entender que quando as pessoas se unem em torno de objetivos comuns, a possibilidade de transformação é potencializada.

As vivências compartilhadas, em territórios de TBC com maturidade distinta, na interlocução entre os líderes comunitários locais, estimulou a troca de experiências, dicas, ideias e, ainda, promoveu o diálogo para divulgação em rede dos produtos de TBC das comunidades envolvidas. Nesse sentido, espera-se que a troca estimule a cooperação técnica e o trabalho sinérgico e constante entre as comunidades de TBC envolvidas.

O “Ciranda” também prevê toda uma concepção de produtos resultantes das visitas. Assim, tem-se instagram, canal no youtube (procurar pelo nome do projeto), produção de vídeos curtos, apresentação do Projeto em eventos acadêmicos de extensão universitária com produção de banners, e em Semanas de Turismo, entre outros.

A ideia é fazer essa Ciranda girar pelo Nordeste, e como preconiza a dança, a força se faz quando cada integrante da Ciranda estende a mão a um novo participante, aumentando e fortalecendo a roda de que se constitui a Ciranda.

REFERÊNCIAS

Araújo, R. D. (2019). *Se a terra te der laranjas, faz uma festa! Relação festa-turismo e desenvolvimento local* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN.

Boulhosa, M. S., & Vasconcelos, A. C. P. (2019). Turismo de Base Comunitária na Ilha do Marajó: a experiência da Comunidade de Pesqueiro, Soure. In *IX ETBCES*, Salvador, BA.

Brasil. Ministério do Turismo. (2009). *Turismo de base comunitária*. Brasília: MTur.

Brasil. Ministério das Relações Exteriores. (2024). Objetivos do desenvolvimento sustentável (ODS). Recuperado de <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/desenvolvimento-sustentavel-e-meio-ambiente/desenvolvimento-sustentavel/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-ods>.

Cardoso, F. (2020). *A Paraíba na Rota da Qualificação Nacional em Turismo*. Recuperado de <https://turismoemfoco.com.br/v1/2021/04/12/a-paraiba-na-rota-da-qualificacao-nacional-em-turismo/>



Coprofam. (2021). Comunidade da Paraíba aposta no associativismo para desenvolver economicamente e vira referencia do turismo rural no Brasil. Recuperado de <https://coprofam.org/2021/02/26/comunidade-da-paraiba-aposta-no-associativismo-para-desenvolver-economicamente-e-vira-referencia-do-turismo-rural-no-brasil/>

Maldonado, C. (2009). O Turismo Rural Comunitário na América Latina: gênese, características e políticas. In Bartholo, Sansolo, & Bursztyn (Org.), *Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras* (p. 31). Rio de Janeiro: Letra e Imagem.

Mielke, E. J. C.; Pegas, F. V. (2013). Turismo de Base Comunitária no Brasil. Insustentabilidade é uma Questão de Gestão. *Turismo em Análise*, 24(1), 170–189.

Nagabe, F. (2020). *O turismo convencional e as políticas contra-hegemônicas em comunidades de espaços rurais da Paraíba* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE.

Silva, J. P., & Araújo, C. P. de. (2018). Turismo de Base Comunitária e Produção do Espaço na Comunidade da Ilha de Deus, Recife-PE. *Caderno Virtual de Turismo*, 18(3), 72-87.

Sinaes. (2009). *Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior: da concepção à regulamentação*. 5. ed. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

Cronologia do Processo Editorial

Editorial Process Chronology

Recebido em: 24/02/2025

Aprovado em: 07/04/2025

Received in: February 24, 2025

Approved in: April 07, 2025